

A Pesquisa Diacrônica em Língua Portuguesa

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen

(UFMG)

Fui convidada pelo Departamento de Letras Vcmáculas a fazer uma apresentação sobre a pesquisa sincrônica e diacrônica em Língua Portuguesa, que aceitei com prazer: é sempre agradável falar sobre uma tarefa que executamos com entusiasmo. Pensei, no entanto, que seria mais adequado não fazê-la sozinha, mas reunir pessoas que já trabalharam e que trabalham sob minha orientação, na área da Lingüística Histórica Portuguesa, mais especificamente, na área da Sintaxe Histórica do Português. Convidei, portanto, depois de ter tido assentimento da comissão organizadora deste evento, para esta mesa as professoras, mestres em Língua Portuguesa pela FALE/UFMG, que desenvolveram pesquisa na área da sintaxe histórica, Maria Auxiliadora da Fonseca Leal e Maria Cândida Costa de Seabra, e o mestrando, também professor, César Nardelli Cambraia, que desenvolve pesquisa nesta área. Na verdade, o título de nossa apresentação deve ser apenas “A pesquisa diacrônica em Língua Portuguesa”, já que esta necessariamente inclui a descrição sincrônica, no tipo de trabalho que temos desenvolvido.

Minha exposição vai se dividir em duas partes: comentários gerais sobre o trabalho com a história das línguas e informações sobre o ‘status’ da lingüística histórica no panorama dos estudos lingüísticos contemporâneos no Brasil; sobre grupos de pesquisa existentes em outros estados e sobre as pesquisas em sintaxe histórica que vimos desenvolvendo desde 1987 aqui na Faculdade de Letras. Finalmente, para tratamento de temas específicos da sintaxe histórica do português, passarei a palavra à Auxiliadora, Cândida e César que apresentarão resultados de pesquisas concluídas e reflexões sobre pesquisas em andamento.

1) O trabalho do diacronista e a pesquisa em Lingüística Histórica do Português no Brasil

A primeira preocupação do lingüista histórico ao trabalhar numa área que não foi devidamente prestigiada no Brasil até o final da década de 80 (em

1984 Tarallo apresenta um trabalho intitulado “A Fênix finalmente renascida”, em que trata do renascimento da Lingüística Histórica no panorama dos estudos lingüísticos no Brasil, e em 1988, Rosa Virgínia Mattos e Silva atualiza informações sobre o desenvolvimento da área com “Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Lingüística Histórica no Brasil”) doze anos depois do artigo de NARO “Tendências Atuais e da Filologia no Brasil” (1976), consiste em não cometer as mesmas inadequações dos que nos precederam, e, a este respeito, nosso principal cuidado deve ser o de não cair no atomismo que caracterizou os estudos de história da língua portugueses e brasileiros e que contribuiu largamente para que esses estudos caíssem em descrédito, principalmente em face do crescimento vertiginoso dos estudos sincrônicos a partir da década de 70. É preciso que se vá além do registro de fatos lingüísticos de épocas pretéritas, e que esses fatos sejam, em primeiro lugar, descritos como parte de um sistema lingüístico, e, em segundo lugar, explicados dentro de uma teoria. Esta tarefa não é trivial, pois o conhecimento de fatos a respeito de períodos pretéritos da nossa língua é ainda muito incompleto, e um estudo que se pretenda lingüístico terá necessariamente de passar pela etapa de coleta de dados em textos escritos de épocas passadas, outra tarefa não trivial, que exige uma formação específica.

Outra razão para o descrédito dos estudos históricos foi a primazia dos estudos da língua falada sobre a escrita, e dos estudos sincrônicos, absolutamente necessários para o avanço dos estudos da linguagem sobre os diacrônicos, que veio como uma reação aos estudos historicistas do final do século passado, e que predominou no Brasil quase como a única possibilidade de se encarar a língua. O reflexo dessa primazia reflete-se até hoje nos currículos de Letras: profissionais de Letras que tenham se formado entre os anos de 1970 e 1990 aqui na FALÉ praticamente não tiveram uma formação em história das línguas, com exceção de um semestre de Filologia Românica e um de História da Língua Portuguesa. Temos, portanto, algumas gerações de profissionais de Letras a- e anti-históricos, uma lacuna realmente lamentável em sua formação.

Tudo o que não se encaixasse dentro dos estudos sincrônicos e que tivesse algum cunho historicista era sumariamente taxado de ‘filologia’, como se fosse fácil a distinção entre as duas áreas, isto é, lingüística e filologia. Costuma-se não se distinguir, por exemplo, entre a filologia portuguesa e a filologia românica. O que se chama simplesmente de ‘filologia’, sem

adjetivação, é no meu entender, a gramática histórica filológica, atomística, que apresenta os ‘fatos’ lingüísticos, mas não os encaixa no sistema estrutural e/ou social da língua. A Filologia Românica, por seu lado, já nasceu comparativa, e não pode ser considerada atomística: a visão da romanidade das línguas, essencial à área, impede que isso aconteça. Há também a tradição marcadamente neogramática chegada até nós via Portugal, que trata quase que exclusivamente de mudanças fônicas, dentro de um modelo teórico pouco entendido por nós.

A primazia da língua falada sobre a escrita e da sincronia sobre a diacronia é postulada por Saussure, que nos diz que, para o falante, a única e verdadeira realidade é o aspecto sincrônico e não o diacrônico. Apesar das idéias de Saussure a respeito da mudança lingüística terem sido combatidas no I Congresso Internacional de Lingüistas, em 1928, por Jakobson e Troubetzkoy, dentre outros, que insistiram que o aspecto diacrônico das línguas seria tão possível de análise estrutural quanto o sincrônico, esta informação não chegou até nós, que lemos e repetimos Saussure de maneira simplista e incompleta, nunca observando, por exemplo, que a maior parte do *Curso* discute problemas diacrônicos.

Retomando, pois, a observação de que o falante não sabe, não ‘percebe’ que a língua muda, vemos que o lingüista sincrônico coloca-se na perspectiva do ‘falante’ já que para ele o aspecto sincrônico é também “a única e verdadeira realidade”. Esta tem sido a postura da maior parte dos estudiosos da linguagem no Brasil: a opção por estudar a língua como um objeto estático, o que certamente não os levou a ver o aspecto mutável das línguas. Como estudar mudanças lingüísticas se enxergamos a língua como um objeto estático? Que o falante não tem consciência de que a língua muda – e essa observação refere-se principalmente ao aprendizado de uma língua materna, ou seja, o falante não tem consciência histórica – parece fora de dúvida, embora possa se aperceber de variações. A postura do diacronista, apesar de não excluir a postulação de gramáticas de sincronias passadas, deve necessariamente ser diferente, pois, para nós, é necessário, imprescindível, que vejamos a língua como um objeto variável no tempo e também no espaço e na sociedade. Devemos ver a língua como camadas diacrônicas que se harmonizam num todo, mas que têm ‘idades’ diferentes. A constatação de que o falante não tem a dimensão diacrônica não nos leva a declinar os estudos diacrônicos, mas a refletirmos sobre sua metodologia e seus pressupostos. Portanto, a primeira recomendação para quem quer ser

diacronista é: use os “óculos diacrônicos!” Em todo fenômeno lingüístico observado tente ver “camadas” antigas, novas, não-tão-antigas e não-tão-novas. Isso não o impedirá de ver a língua em seu funcionamento sincrônico. Mas se optar por estudar a língua como um objeto estático, aí sim, estará cego para enxergá-la como um objeto variável, e nunca será diacronista!

Observe-se, como exemplificação, a lista dos nomes abaixo. Como se pode ver, todos terminam em -ão: dos dez, sete, na verdade, terminam com -ção. O plural deles varia:

(i) Grupos de Nomes terminados em -ão

cão/cães; capitão/capitães; alemão/alemães; civilização/civilizações; demonstração/demonstrações; liquidação/liquidações;

inflação, falação, dormição (não admitem plural).

(ii) Grupos de Nomes terminados em -ão

Cão, capitão, alemão, coração (1), demonstração (2), civilização (3), inflação, liquidação (4), falação, domição (5).

Informações históricas (a simples consulta a um dicionário etimológico) nos esclarecerão que essas palavras, apesar de aparentemente semelhantes, têm ‘idades’ diferentes: cão, capitão e alemão (grupo 1) são provavelmente as mais antigas; demonstração (grupo 2) é mais recente do que as do grupo (1); civilização (grupo 3) é empréstimo; inflação e liquidação (grupo 4) são palavras formadas já depois da língua portuguesa constituída como tal, e falação e dormição (grupo 5) são neologismos criados a partir de ‘falar’ e ‘dormir’. Pode-se, através deste exemplo, identificar as camadas diacrônicas a que me refiro.

A Lingüística Histórica já renasceu, portanto, no Brasil, apesar de nunca ter morrido em muitos outros lugares fora daqui. Estamos agora numa posição bem mais cômoda: devido à miríade de correntes do pensamento lingüístico que se espalham pelo mundo na atualidade não somos mais obrigados a adotar uma postura sincrônica perante os fatos da linguagem; o exagero estruturalista já passou, assim como o historicismo obrigatório do século passado, e estamos livres para escolher trabalhar na área que nos atraia mais! Os ‘diacronistas enrustidos’ podem se denunciar. A Lingüística Histórica está em posição de destaque. Os gerativistas se permitem buscar

argumentos oriundos da mudança lingüística para fortalecer sua Gramática Universal, continuando suas incursões na diacronia, também presentes em versões anteriores da gramática gerativa.

2- Grupos de pesquisa

Há no Brasil, atualmente, quatro universidades onde se estuda a mudança/variação lingüística: a Universidade Federal da Bahia, com o Grupo PROHPOR, que tem um projeto sobre a história do Português, coordenado pela Profa. Rosa Virgínia Mattos e Silva; os variacionistas da UFRJ que estudam variação, como, por exemplo, Maria Cecília Mollica; Marta Scherre e Anthony Naro; o grupo que estuda variação lingüística numa perspectiva funcionalista-discursiva, como o do Sebastião Votre; na UNICAMP Mary Kato continua, de certa forma, o trabalho do Fernando Tarallo, unindo variacionismo a gerativismo. Carlos Alberto Faraco, do Paraná, que está retomando agora suas atividades diacrônicas, e nós, de Minas Gerais, que fizemos parte do antigo mestrado em Língua Portuguesa e agora integramos o Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, num projeto de Sintaxe Histórica, ao lado de outros, que abordam outros tipos de mudança: difusão lexical (Marco Antônio de Oliveira) e mudança sintática numa perspectiva gerativista (Jânia Ramos).

Desde 1987 vimos lutando pela sobrevivência dos estudos diacrônicos aqui na FALE, de uma maneira sistematizada. Sempre houve alguma atividade diacrônica aqui, apesar de isso não ser tão divulgado assim: no mestrado em Língua Portuguesa houve algumas dissertações de cunho histórico, como, por exemplo, a da Profa. Viviane Cunha, que tratou da metáfora portuguesa; a da Profa. Maria Amélia Formiga, que tratou do futuro românico (ambas orientadas pela Profa. Angela Vaz Leão); a de Vicente Gonçalves que tratou de processos de gramaticalização e de Paulo Duarte (orientando da Profa. Clara Grimaldi Eleazaro), que também fez incursões diacrônicas ao tratar da derivação parassintética no Português – mas quando me refiro à luta de uma maneira sistematizada estou enfatizando que a pesquisa diacrônica, ou sobre mudança lingüística no Português, deve ser institucionalizada e financiada para que tenha direito à existência como qualquer outra área de pesquisa. Se for financiada terá necessariamente de ser divulgada e assim começará a se sedimentar. Nesse sentido desenvolvo um projeto integrado financiado pelo CNPq cujo objetivo principal está

expresso no seu título “Desenvolvimento de estratégias de leitura/análise de línguas arcaicas como etapa imprescindível para o estudo de mudanças sintáticas analisadas ‘a posteriori’ II”. Este projeto, além de tratar de questões substantivas a respeito da mudança sintática, está criando um banco de textos informatizado para pesquisa em Lingüística Histórica (BTLH), executado por bolsistas de Iniciação Científica, que paralelamente à parte técnica de digitação, desenvolvem um projeto diacrônico (como o que o então bolsista César Nardelli Cambraia desenvolveu e apresentou à IIª Semana de Iniciação Científica, que versou sobre as variantes gram/grande no Português dos séculos XIV a XVI, e também o de Flávia Bueno Maffra, com um trabalho sobre a relação participio passado/adjetivo no Português dos séculos XV e XIX, apresentado na III Semana de Iniciação Científica e também ontem à noite, neste Encontro). É a 4ª bolsista trabalhando no projeto e outro começará em 1995. Há também dois mestrands e um doutorando desenvolvendo pesquisa na área diacrônica e uma vaga está sendo oferecida para o mestrado em Sintaxe Histórica, para início em 1995.

Haveria muito ainda a ser discutido, mas como avisei, minha fala seria predominantemente informativa, e as questões mais específicas vão ser colocadas pela Auxiliadora, Cândida e César. Obrigada.